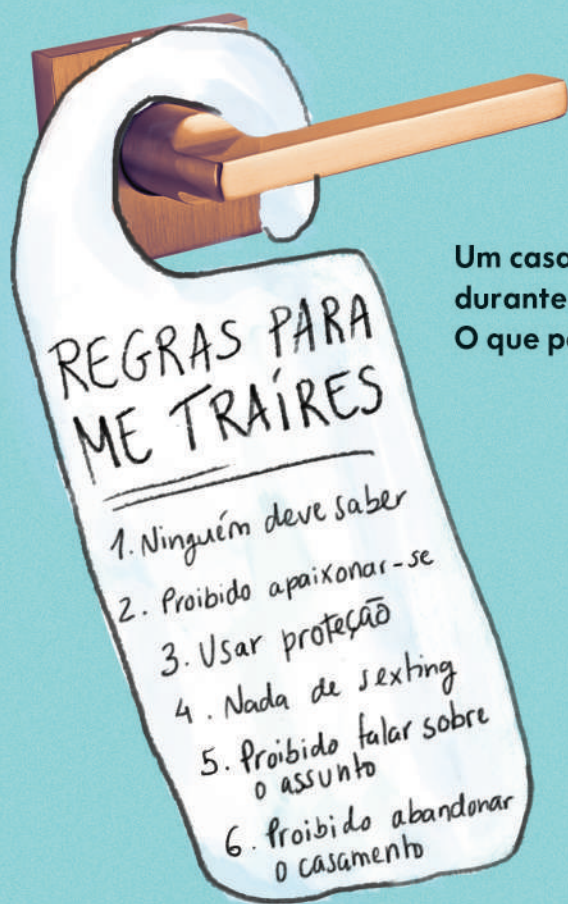


# O CLUBE dos CASADOS



Um casamento aberto  
durante seis meses.  
O que pode correr mal?

« Um romance  
absolutamente  
divertido. »

PEOPLE

SARAH DUNN

Autora bestseller do New York Times

TOP  
SEL  
LER

*Para o Peter,  
o único acordo de que alguma vez precisarei.*

Para pecar como deve ser,  
é preciso ser sério em relação a isso.

HENRIK IBSEN, *PEER GYNT*

# Um

Ei, pessoas com casamentos «evoluídos», com tarefas domésticas repartidas igualmente e poder económico partilhado, que contam sempre tudo uma à outra e não acreditam em segredos! É assim que descrevem o vosso casamento, não é? Levante a mão quem concordar. Tenho uma pergunta para vos fazer: como é que as coisas estão a funcionar no quarto?

Constance Waverly  
*The Be Gathering*, Taos, Novo México

Depois de tudo terminar, Lucy deu por si a afirmar, vez após vez, que tinha sido uma decisão mútua. Junto da tia Nancy, que estava repugnada com toda aquela história e decidira fingir que nunca acontecera. Junto da irmã, Anna, que estava fascinada e exigia todos os pormenores. Junto das senhoras de Beekman — as poucas, discretas, que invejavam a sua liberdade e a sua ousadia, e o contingente maior e mais sonoro que já não queria nada com ela e só desejava que *ficasse longe dos seus maridos* —, Lucy disse sempre que fora uma decisão completamente consciente e mútua. É claro que ninguém acreditou nela. Estas coisas nunca são mútuas. Há sempre uma pessoa que quer mais do que a outra, uma delas esconde um segredo; tem um plano. Mas Lucy sempre disse isso acerca do Acordo: fora uma decisão mútua, ela e Owen tinham entrado naquilo completamente recetivos, e isso tinha trazido à luz algumas verdades infelizes.

Era um fim de tarde de sábado no princípio de julho. As folhas tinham um tom verde-vivo e havia pirilampos por todo o lado. Na cozinha, Lucy e a sua velha amiga Victoria preparavam a comida para o churrasco, enquanto os maridos bebiam vinho no terraço; mas podia perfeitamente passar-se o inverso. Beekman era uma vila onde os homens cozinhavam jantares para os convidados. Além de cozinharem, os homens de Beekman faziam coisas como *pickles*, queijo, cerveja e chucrute. Cultivavam as suas próprias ervas aromáticas para marinarem os lombos de porco e confecionavam maionese caseira só para ver se valia a pena (não valia). Mesmo que na cabeça de Lucy aquilo parecesse afetado e horrível, sob muitos aspetos ainda pior do que Brooklyn, onde tantos deles tinham vivido antes — Brooklyn, que tinham abandonado devido ao aumento dos preços e de onde tinham deliberadamente fugido; Brooklyn, a que Victoria e Thom ainda chamavam lar.

Victoria era afluivamente magra e a sua pele pálida já enrugava em torno dos olhos azuis. Vacilava sobre os saltos altos *vintage* de marca,

arriscando-se a tropeçar e cair diretamente nos anos que marcam a meia-idade. Por seu lado, Thom, com os seus caracóis negros e selvagens e barba de dois dias salpicada de grisalhos, ainda tinha bom aspeto.

— Liguei ao Frank no outro dia, a convidá-lo para ir ouvir aquela banda nova connosco — dizia Thom a Owen. Thom e Victoria ainda tinham bandas recentes que queriam ouvir, apesar de terem um filho de 5 anos —, e ele não podia, porque ia a Hoboken, para aprender a arte de amarração japonesa.

— Só ouvi «amarração japonesa» — disse Lucy, empurrando a porta de rede com a travessa de queijo e uvas que levava nas mãos.

Victoria vinha atrás com duas garrafas de vinho.

— Oh, meu Deus, Thom, estás a contar-lhe do Frank e do Jim?

— Frank e Jim? — perguntou Lucy.

— Conheceste-os no nosso casamento.

— Os teus fabulosos amigos gay.

— Agora são um pouco menos fabulosos — disse Victoria. — Casaram, tiveram dois filhos e mudaram-se para os subúrbios.

— Ainda são bastante fabulosos — disse Thom.

— Só queria dizer que já não apanham aviões para passarem os fins de semana em Milão. Em vez disso, treinam futebol infantil em conjunto.

— Isso é querido — disse Lucy.

— Pois, é querido — concordou Thom. — A relação deles é querida.

Victoria olhou para o marido, do outro lado da mesa, e revirou os olhos.

— Desculpa? — disse-lhe Thom. — O que é que eu disse?

— O Thom está um pouco obcecado com este «acordo» que o Frank e o Jim têm.

— Eu não lhe chamaria obsessão — disse Thom. — Pronto, está bem, estou um pouco obcecado. Acho fascinante.

— Conta-nos — pediu Owen.

Thom pegou na garrafa e voltou a encher os copos ao mesmo tempo que falava.

— Então, eles estão casados há cerca de seis anos. Têm duas meninas, uma casa confortável em Larchmont e um apartamento em Vermont. O Frank fica em casa com as filhas, enquanto o Jim

viaja para a cidade todos os dias. O Frank é presidente da Associação de Pais, o Jim é diácono da igreja deles. Na verdade, é como um casamento dos anos 50. O jantar está na mesa todas as noites, discutem sobre o dinheiro que o Frank gasta e se as miúdas devem ser obrigadas a aprender mandarim ou a ter aulas de violino...

Victoria interrompeu-o para dizer:

— Mas...

— Mas ambos têm permissão para dormir com outras pessoas.

— Queres dizer que são *swingers*? — perguntou Lucy.

— Desconheço a terminologia — disse Thom. — Eles chamam-lhe casamento aberto.

— Creio que o *swing* implica participação — disse Victoria. — Ver o outro a fazê-lo, ou trocar de parceiros, ou algo assim. Um casamento aberto é uma coisa mais... hum... furtiva?

— O Frank disse-me que eles não falam sobre o assunto — explicou Thom. — Que cada um deles permite ao outro um espaço de privacidade. Diz que funciona muito bem.

— Vimo-los há algumas semanas. Eles estão felizes. As meninas estão felizes. São o casal mais estável que conhecemos.

— Como é que isso pode ser estável? — perguntou Lucy.

— Eles têm regras — explicou Thom. — Não deixam que as emoções se intrometam. Parece que só podem dormir com a mesma pessoa um número limitado de vezes. E algumas pessoas estão proibidas. Ex-namorados, amigos comuns, colegas de trabalho, por exemplo. Desde que seja alguém «fora do circuito» de ambos, quem vier à rede é peixe. E isso está bastante acertado entre eles.

— Como o Elton John e o marido — disse Victoria.

— Isso foi um *ménage à trois* numa piscina insuflável cheia de azeite — comentou Lucy.

Owen ergueu o copo de vinho.

— *Alegadamente.*

— Temos de conceder isso aos gays — disse Thom. — Eles descobriram o segredo.

— Pois — disse Lucy. — Aposto que os filhos deles também não lhes destroem a mobília. Nem vomitam a meio da noite.

— Eles têm isto tudo — Thom fez um gesto amplo, abrangendo todo o cenário: a casa, o terraço, o vinho, os amigos, o conforto da vida doméstica e de um amor longo e íntimo —, e ainda têm sexo.

— Ei — disse Lucy. — Conheço a Victoria há muito tempo. Tu tens sexo.

— Não o género de sexo que esses gajos têm.

— É verdade — disse Victoria. — Não tem.

— Nós temos sexo — disse Thom.

— Mas é sempre um com o outro — disse Victoria, rindo. Ela e Thom bateram os copos e beijaram-se.

O terraço estendia-se para longe da casa, repousando sobre rochedos e sabe-se lá que mais. As tábuas descoradas começavam a mostrar sinais de apodrecimento e havia três zonas que cediam quando eram pisadas. Owen dizia aos convidados masculinos da cidade que o terraço «aguentaria mais dois, talvez três invernos, antes de ter de ser substituído» e eles sorriam as suas cervejas e acenavam com a cabeça, uma conspiração de ignorância revestida de caqui. Ainda assim, Lucy deu por si a pensar que *era* um jardim bonito. Um acre de relva desenrolava-se até um irregular (e, por conseguinte, genuíno) muro de pedra, provavelmente erguido por vaqueiros há mais de cem anos. Na mente de Lucy, as pedras separavam-nos da floresta densa, proporcionando, ao mesmo tempo, proteção e tentação. Fora uma das razões para comprarem a casa.

— Podes acender as brasas, por favor, Owen? — pediu Lucy.

— É muito cedo.

— Não é muito cedo.

— Qual é a pressa? Estamos a conversar. Come um bocadinho de queijo.

Lucy pegou num dos queijos, um *Rogue River Blue* que Thom e Victoria tinham trazido, 13 dólares por cem gramas. Ao tirá-lo do papel que o embrulhava, Lucy lembrou-se da sua vida em Nova Iorque, a sua vida antes de Beekman, uma vida a pagar 52 dólares por meio quilo de queijo do Oregon.

— Para eles, só funciona por uma razão — disse Owen. — Não há mulheres envolvidas. Eles não são casados com mulheres e não pulam a cerca com mulheres. Não há loucuras. O sexo pode ser apenas sexo.



— Consigo aceitar que o sexo seja apenas sexo. Pelo menos, conseguia — disse Victoria. — Quando era mais nova.

— Também eu — interveio Lucy.

— Acho que é um grande mito, isso de as mulheres não poderem ter sexo pelo sexo — disse Victoria. — Deviam ver os *millennials* do meu escritório. A única coisa que fazem é sexo, o tempo todo. Raparigas e rapazes. Não têm medo de apanhar sida, de engravidar ou de que lhes chamem cabras. Opõem-se sonoramente a qualquer forma de estigmatização das cabras.

— Estigmatização das cabras? — perguntou Owen, rodando a travessa do queijo e cortando uma fatia de *cheddar Jasper Hill*.

— Sim — continuou Victoria. — É verdade: isso existe.

— Com quantas pessoas tiveste sexo antes de casares? — perguntou Victoria a Lucy.

— Não estou bêbeda o suficiente para responder a essa pergunta num jantar.

— Isto não é um jantar — disse Victoria. — Somos só os quatro a comer no teu terraço porque não conseguiste arranjar uma babysitter. Como está o Wyatt, a propósito?

— Igual a si mesmo — respondeu Lucy. — Está na nossa cama com o *iPad*, enquanto nós infringimos todas as regras da boa parentalidade.

— Ele ainda... — Victoria franziu a testa com empatia.

— Isto não vai passar, Victoria. O Wyatt é como é — respondeu Lucy. — Como está o Flannery?

— Bem — disse Victoria. — Ótimo.

— Entrou na escola St. Ann — acrescentou Thom.

— Já lhe cortaram o cabelo? — perguntou Owen.

— Não — disse Victoria.

— Têm de cortar o cabelo àquele miúdo — disse Owen. — Pendurámos a vossa fotografia de férias no frigorífico e o Wyatt não acreditou quando lhe disse que o Flannery era um rapaz. Ria-se sempre que lho dizia.

— Somos vossos amigos — disse Lucy. — De outro modo, não falaríamos nisso.

— Eu adoro o cabelo do Flannery — disse Victoria.

— Começo a pensar que lho devíamos cortar — disse Thom.

— Não vamos fazer isso.

— Ele tem nome de rapariga e cabelo de rapariga — disse Lucy.

— Não acham que vai ser difícil para ele?

— Nunca ninguém se esquece dele — justificou Victoria. — É disso que ele gosta.

— É disso que tu gostas — disse Thom.

— É do que eu gosto, que é o que ele gosta agora, e é assim que funciona a maternidade.

— Podes acender as brasas, querido? — pediu Lucy.

— As brasas aquecem muito depressa.

— As pessoas vêm jantar a nossa casa e querem comer antes das onze da noite. Para que consigam ter uma noite descansada.

— Sou o dono do grelhador. Conheço as minhas brasas — disse Owen.

Lucy apontou para Victoria e disse:

— És minha testemunha. Fica registado que eu disse que as brasas já deviam estar acesas.

— As brasas levam dez minutos a aquecer, no máximo — disse Owen.

— Isso não é verdade, mas não vou dizer mais nada sobre esse assunto — disse Lucy, estendendo a mão através da mesa para se servir de mais vinho.

— Queres saber a verdade? — perguntou Lucy, encostada ao armário de cozinha cor de abacate. Lucy e Owen planeavam instalar armários novos desde o dia em que tinham visto a casa pela primeira vez. Em vez disso, faziam de conta que se tinham acostumado a eles.

— Sim — disse Victoria.

— Só digo se também disseres.

— Direi, não me importo — respondeu Victoria, que estava a temperar a salada enquanto Lucy olhava. — Catorze.

— É um bom número — disse Lucy.

— Sinto-me bastante satisfeita com ele — respondeu Victoria.

Lucy apontou ambos os polegares para si própria e anunciou:

— Vinte e sete.

— Vinte e sete? — repetiu Victoria. — A sério?

— Era um bocadinho promíscua. Na universidade — disse Lucy.  
— E depois da universidade.

— Pintou a manta, a minha mulher — disse Owen, que estava ajoelhado diante do refrigerador do vinho a examinar as garrafas.

— Não me estigmatizes — disse Lucy.

— Nada de estigmatização das cabras! — concordou Victoria.  
— E tu, Owen? Com quantas mulheres dormiste antes de conheceres a querida Lucy aqui presente?

— Não sei — respondeu Owen, pondo-se de pé com duas garrafas de *zinfandel*.

— Não sabes? — disse Victoria.

— Não — repetiu Owen. — Não faço ideia.

— Foram muitas — disse Lucy. — *Muitas mesmo*.

— Pois — disse Victoria. — O Thom também.

— Acho que vou acender as brasas.

— Não sei se será seguro estares perto do fogo, querido.

— Eu ajudo-o.

— Boa... — disse Victoria. — Agora vão os dois pelo ar.

Toda a gente adorava a marinada do Owen. Teceram-lhe repetidos elogios enquanto comiam o jantar no terraço, com guardanapos de linho e as facas de carne *Laguiole* com cabos de pau-rosa que a prima de Lucy lhes dera como presente de casamento. *Caramba, os homens e as suas marinadas*, pensou Lucy. Até parecia que tinham descoberto a divisão do átomo, quando apenas se tinham limitado a misturar um bocado de molho Worcestershire e de soja num saco selado.

— Estou naquela idade em que as mulheres começam a enlouquecer — disse Victoria. — Todas as minhas amigas estão a enlouquecer. Se os maridos soubessem metade do que se está a passar, ficavam com a cabeça à roda para sempre.

— Porquê? — perguntou Owen. — O que é que está a acontecer?

— Não te posso dizer. É um segredo que todas nós guardamos de todos vocês.

— Dá-nos um exemplo — pediu Owen.

— Está bem. Tenho uma amiga, cujo nome não direi, que é casada — disse Victoria. — E ela curte com pessoas.

— Que queres dizer com isso?

— Por exemplo, num bar, curte com alguém — explicou Victoria. — Fá-lo pelo menos uma vez por semana.

— Quem é que vai a bares? — perguntou Lucy. — Quem é que tem tempo para essas coisas?

— Ela arranja tempo — respondeu Victoria.

— Conheço-a?

— Não te posso dizer.

— Então, é porque conheço.

— Conheces.

— Desembucha.

— A Jen *Perfeita*.

— A *Jen Perfeita curte com estranhos em bares?*

— Sim.

— Quem é essa Jen Perfeita? — perguntou Owen.

— Aquela mãe irritante com quem eu me dava quando o Wyatt era pequenino — explicou Lucy. — Confecionava a sua própria comida de bebé orgânica e comia-a todas as noites ao jantar, para se manter supermagra.

— Eu não devia ter dito quem era, mas disse-o para esclarecer um ponto importante — disse Victoria —, que é: esta mulher que conhecemos e que parece ser feliz e perfeita e tem dois filhos e parece normal...

— Ela não é normal...

— É razoavelmente normal à superfície — disse Victoria. — Esta mulher seminormal é, de facto, uma granada sem patilha de segurança.

— Achas que ela curtia comigo? — perguntou Owen.

— Provavelmente! Era muito provável que o fizesse! Ela não é esquisita.

— Li algures que as mulheres tendem a ter casos antes de os filhos nascerem, e os homens, depois — disse Owen. — Os homens pensam: *Já cumpri a minha obrigação*.

— Nesse caso, é demasiado tarde para nós — disse Lucy a Victoria.

— Mas não para nós — disse Thom para Owen.

Owen abriu outra garrafa de vinho.

Nessa noite, não beberam café. Ninguém pediu, e Lucy não ofereceu. A cafeína parecia não fazer qualquer sentido. Em vez disso, Owen foi buscar uma garrafa de *bourbon* produzido na região depois de a última garfada de bife ser comida e de a marinada ser comentada uma última vez e, apesar de o *bourbon* saber a cortiça, todos continuaram a beber.

— Suponhamos que eu descobria que o Thom me traiu numa viagem de negócios — disse Victoria. — Uma queca de uma noite, com alguém que conheceu no bar do hotel. Toda a gente compreenderia se eu o pusesse fora de casa ou pedisse o divórcio; mas se eu dissesse às pessoas que o deixava ter sexo com outras mulheres nas viagens de negócios, que tínhamos um *acordo*, seria uma pária social.

— Como é possível que, como cultura, tenhamos decidido que é completamente racional romper uma família tradicional porque um dos membros do casal fez sexo com outra pessoa, mesmo que apenas uma vez, ou teve um caso sem importância, ou algo do género — disse Thom —, mas que é uma vergonha e uma perversão acordar algumas disposições temporárias dentro de um casamento, para que ambas as partes tenham as suas necessidades satisfeitas enquanto realizam a sua tarefa fundamental — fiquem juntas e criem os filhos numa unidade familiar intacta?

— Estou contigo — disse Owen.

— O casamento são os filhos — disse Thom. — Ter filhos, criá-los juntos, não os abandonar, aconteça o que acontecer. — Apontou para a mulher. — Tanto os meus pais como os dela se divorciaram quando éramos jovens e esta foi a única força motriz das nossas vidas.

— Pois, mas não creio que o casamento deva ser como o namoro — disse Lucy. — Quando estás sempre à procura de alguém para curtir.

— Não é necessariamente procurar. É só não ter de bloquear algo que aconteça — disse Victoria. — Ser capaz de se sentir novamente uma pessoa sexual a desfilhar no mundo.

— Até quando estou a ter sexo tenho dificuldade em sentir-me uma pessoa sexual — disse Lucy, e riu-se da sua própria piada.

— Para nós, está quase terminado, Lucy — disse Victoria. — Tenho uma amiga que tem mais dez anos do que eu e ela diz que, um dia, tudo muda. É como se alguém desligasse um interruptor.

— Que deprimente — disse Lucy.

— Outro dia, estava a deixar o Flannery na aula de desenho, e um miúdo da turma perguntou-me se eu era a avó.

— Não é possível!

— É verdade — disse Victoria. — E deixa-me dizer-te que não se recupera facilmente de uma coisa dessas. Deixas imediatamente de pensar que tens todo o tempo do mundo.

— Isto são grilos? — perguntou Thom.

— São rãs — disse Lucy.

— São mesmo barulhentas.

— Coaxam até arranjam um parceiro para a noite, e depois calam-se — explicou Owen. — Se acordares a meio da noite, ainda há quatro rãs excitadas e tristes a coaxar.

— Não acredito que vivem num sítio onde há rãs — disse Victoria.

— Também temos galinhas — disse Lucy.

— Vi as vossas galinhas no *Facebook* — disse Victoria. — Recuso-me a falar sobre elas. Vocês estão mesmo numa de Novos Rurais e não sei quanto tempo podemos continuar a ser amigos.

— Dou-te uns ovos para leares para casa — disse Lucy.

— Não quero. Isso só te incentivaria.

— Preciso de qualquer coisa. E o Thom também precisa. Estamos ambos saturados deste persistente... não sei... baixo nível de satisfação com a vida, creio — disse Victoria. — Sabes com que frequência temos sexo?

— Nunca — disse Thom, servindo-se de uma fina fatia de bolo de fruta que Victoria comprara nessa manhã no *Pain Quotidien*.

— Não é *nunca*, nunca — disse Victoria. — Mas é quase.

— E o mais estranho é que ambos nos sentimos bem com isso — disse Thom.

— Essa é a parte mais assustadora.

— Conseguimos sentir-nos a resvalar para aquele género de casamento estagnado, no qual ambos estamos na boa sem sexo, deixando essa parte de nós como que murchar e morrer e, quando falamos nisso, percebemos que não era o que queríamos, mas também não nos queremos separar.

— Esta é oficialmente a conversa mais estranha que já decorreu no nosso terraço — disse Owen.

— Não percebo — disse Lucy. — Vocês ainda se amam?

— Sim! — disse Thom.

— É claro que amamos.

— Então, porque estão a falar nisto?

— Deixa-me tentar explicar — disse Victoria. Fez uma pausa longa e dramática, depois estendeu o braço e pegou na mão de Thom. — Quero envelhecer com este homem. Amo-o, e ele ama-me. É o meu melhor amigo e a minha pessoa favorita no mundo e a única pessoa que quero a dormir na minha cama comigo à noite. Quero ir de férias com ele e ter uma vida com ele e que o Flannery venha passar o Natal a casa com os filhos quando tivermos 70 anos. Só que, neste momento, e, para ser sincera, já há algum tempo, não me apetece mesmo ter sexo com ele.

— Talvez sejam as tuas hormonas — disse Lucy, prestável. — Talvez precises de um adesivo ou coisa do género.

— O nosso terapeuta descartou essa hipótese.

— Vocês falaram sobre isto com um terapeuta? — perguntou Lucy.

— Ele não é muito convencional, mas está interessado em descobrir maneiras de fazer funcionar os casamentos longos — disse Thom. — Casamentos em que não tenhas de prescindir de uma grande parte de ti próprio para manter a relação.

— O meu pai traiu a minha mãe enquanto o casamento deles durou — disse Victoria. — Isso destruiu-a completamente. Não quero isso para mim. Não quero desistir de todo o meu poder.

— Esta é a maneira de ninguém sair magoado. Nem eu, nem a Victoria, nem o Flannery.

— Isso já começou? — perguntou Lucy. — Vocês já têm outras pessoas?

— Ainda não começou — respondeu Victoria. — Mas vamos fazê-lo.

— Vamos — disse Thom.

— Uau — disse Lucy. — O que dizer...? Uau!

# Dois

Quando as pessoas me perguntam «Qual é o melhor indicador de sucesso a longo prazo num casamento?», dou sempre a mesma resposta: «Um respeito mútuo pelo sofrimento». Ninguém gosta desta resposta.

Constance Waverly  
*Huffington Post*



— Porque é que há outra vez cocó na parede? — gritou Lucy.

Não esperava uma resposta. Apenas queria que o Universo a ouvisse. Que ouvisse que aquela era a sua vida, uma vida que implicava encontrar cocó na parede. Outra vez.

Porque, francamente, existirá uma boa resposta para esta pergunta? Porque é que há cocó na parede? Porque Lucy era mãe. Porque tinha um miúdo de 5 anos com alguns problemas. Porque sim, na verdade. Porque sim, ponto final.

Na verdade, não era ponto final. Eis porque é que havia cocó na parede: porque, por vezes, quando Wyatt ia à casa de banho, ficava com cocó na mão. E depois fazia o que lhe parecia mais eficaz. Limpava a mão à parede ao lado da sanita. Aparentemente, devido aos seus problemas sensoriais, ter cocó na mão era o equivalente a uma pessoa neurotípica ter, por exemplo, ácido na mão. «Pense nisso», dissera o terapeuta ocupacional de Wyatt a Lucy. «Se a Lucy tivesse ácido na mão, o seu cérebro podia deixar de funcionar normalmente. Podia esquecer-se do que a sua mãe já lhe disse um milhão de vezes. Tentaria ver-se livre dele o mais depressa possível.»

Lucy percebia isso tudo muito bem, mas, por alguma razão, Wyatt nunca se lembrava de lhe dizer quando isso acontecia, pelo que ela era frequentemente *surpreendida* pelo cocó na parede. Sentava-se, decidida a desfrutar de um raro momento de solidão, tentando aproveitar ao máximo os poucos minutos sozinha na sanita, munida de uma revista ou um catálogo da Pottery Barn ou o jornal da região gratuito, agarrando-se ao mais ínfimo dos prazeres, um prazer tão ínfimo que chamar-lhe prazer até era patético, e então virava a cabeça e dava por si a olhar para uma mancha de caca a secar ao ar livre.

Os sapatos com atacadores foram a primeira coisa a ir.

Lucy precisava de sapatos que pudesse calçar sem usar as mãos, com uma criança a retorcer-se, a gritar e ocasionalmente a morder-lhe os

braços, sapatos onde pudesse enfiar os dedos e depois deslizar os pés lá para dentro sem sequer ter de dobrar os joelhos. Chinelos de enfiar no dedo, sempre que possível, socas ou *Merrells* o resto do tempo.

Depois foram os brincos. Deixara de usar brincos há tanto tempo que os furos nas orelhas tinham fechado. A seguir foi o *eyeliner*, depois o rímel, depois devolver chamadas telefónicas, depois ir ao dentista, depois ver-se a um espelho de corpo inteiro antes de sair de casa, depois o batom, a não ser que encontrasse algum no fundo da mala quando estava parada num sinal vermelho. Havia outras coisas, claro. Pedicures, bilhetes de agradecimento, resposta a convites, cartões de Natal, fio dentário, alongamentos, lembrar-se de aniversários, esfoliação. Basicamente, Lucy estava reduzida a desodorizante, pasta de dentes e rabo de cavalo cinco dias por semana. Tinha sorte de ser magra, ter maçãs do rosto fortes e boa pele.

Lucy planeara mudar-se para Chicago depois da faculdade, porque todos os seus amigos estavam a ir para lá, mas o pai dela afirmara, com o seu jeito habitual, «Se te vais mudar para Chicago, mais valia ires para Nova Iorque.»

Era um bom conselho. A única ocasião em que uma pessoa se pode mudar para Nova Iorque é no fim da faculdade, a menos que se seja rico. Quem é rico pode mudar-se para Nova Iorque quando lhe apetecer.

Lucy ainda se lembrava perfeitamente do momento em que conhecera Owen. Era um daqueles horríveis dias de verão da Costa Leste, em que toda a gente suava, e no centro de Manhattan acumulavam-se perversamente pilhas de lixo para onde quer que se olhasse. Lucy acabara de fazer 26 anos e conseguira uma entrevista para o emprego dos seus sonhos. Chegou ao Centro Rockefeller a horas, mas havia um problema na segurança e o passe dela havia desaparecido. Ela esperou. Continuou a esperar.

Quando finalmente entrou no elevador, faltavam dois minutos para a uma. O elevador era lento e abafado e parecia parar em todos os andares. Lucy suava — uma combinação de suor nervoso e suor residual citadino — e continuava a olhar para os números no elevador e para o relógio. E, de repente, sentiu uma intensa brisa fresca vinda do seu lado direito. Virou a cabeça e viu um homem alto, de fato cinzento, a abanar

a secção de notícias locais do seu *New York Times* para a refrescar. Abanou-a, em silêncio, enquanto o elevador subia mais 18 andares.

— Não se preocupe — disse-lhe o homem quando ela saiu do elevador. — Não sei o que vai fazer, mas vai correr excelentemente.

Lucy ficou com o emprego. Começou como produtora-executiva júnior num programa matinal de notícias. Era um emprego excelente, mas cheio de desafios. Não se tratava só de fazer os comboios chegarem a horas, mas de fazer os comboios chegarem a horas num mundo onde não havia carris, não havia comboios, não havia viagens experimentais, nem segundas tentativas, nem desculpas. Lembrava-se daquela vez em que estava a cobrir um protesto contra a guerra do Iraque e um dos preguiçosos operadores de máquinas lhe dissera que não era possível o cenário que ela queria, porque o cabo do equipamento não chegava à tomada. «*Qualquer coisa pode chegar a qualquer lado*», afirmara Lucy antes de atravessar a rua e comprar três extensões. O chefe, que testemunhara tudo, deu-lhe imediatamente uma promoção e um aumento de salário.

Ela vivia num mundo de problemas concretos e resolúveis: levar uma câmara, o repórter do boletim meteorológico e uma fonte de energia extra para um lugar seguro mas aparentemente perigoso, para cobrir o furacão. Era difícil, era stressante e era prestigiante e relativamente bem pago, mas não era muito criativo. Lucy pensava muitas vezes nisso depois de deixar o emprego e se mudar para Beekman. Se ela fosse escritora ou artista, fotógrafa, cineasta ou poetisa, talvez tivesse arranjado maneira de encontrar algum significado nas bolsas de tempo livre de que dispunha. Podia fingir que escrevia um guião no quarto das visitas, podia ter-se juntado ao grupo dos sopradores de vidro, podia andar com um caderno e apontar todos os seus pensamentos interessantes. Em vez disso, entrara num mundo de problemas que não correspondiam aos seus talentos. Não era minimamente arrumada e não tirava satisfação do trabalho doméstico. E depois havia Wyatt, o seu amoroso, impossível e irresolúvel enigma.

Owen nunca se esquecera da cara dela. Era o que ele dizia sempre, explicando assim como a avistara dois anos depois num bar no Lower East Side.

— Estavas a suar num elevador há dois verões — disse-lhe ele. — Eu abanei-te com o meu *New York Times*.

— Foste tu? — disse Lucy.

— Fui eu — confirmou ele. — Sou o Owen.

— Sou a Lucy — disse ela.

— Ei, amigo. — O acompanhante de Lucy, um *hipster* com uma barba tão comprida que parecia um lenhador extraviado, cumprimentou-o. — Isso não é fixe.

— Eu ouvi-te — disse Owen ao tipo. — E percebo a tua posição. Mas tenho procurado esta rapariga nos últimos dois anos e, a não ser que vocês sejam casados ou ela esteja à espera de um filho teu, vou dar-lhe o meu número de telefone.

Owen e Lucy estavam juntos desde então.



— Ei, Claire, posso passar por tua casa mais tarde e surripiar alguns comprimidos de *Ritalina* do Augie? — perguntou Sunny Bang.

Estavam a deixar os filhos no curso de férias e os miúdos que se tinham qualificado para o programa — miúdos que ou precisavam de apoio extra ou podiam retirar benefícios de um enriquecimento curricular melhor — já estavam no interior do edifício. Algumas das mães ficavam sempre ao fundo da escadaria de cimento a conversar, e hoje Lucy era uma delas.

— Como? — perguntou Claire.

— Só cinco. Tenho de preencher os papéis dos impostos e sabes que não me consigo concentrar.

— Estamos em julho.

— Consegui um adiamento. Por favor. Três talvez sejam suficientes.

— Estás a falar a sério?

— Sim — respondeu Sunny Bang. — Pelo menos, acho que sim.

Claire cruzou os braços diante do peito.

— A resposta é não.

— Porquê?

— Porquê? Porque não te vou deixar tomar a *medicação prescrita* ao meu filho adolescente.

— Oh.

— E *está ali* um polícia.

Um polícia de Beekman estava sentado no carro-patrolha no parque de estacionamento em frente da escola, a beber café e a preencher papelada. Desde o caso Sandy Hook que os polícias locais passavam o tempo livre perto da escola, estacionados à vista de todos.

— Isto não é um crime. É só uma mãe a pedir uma coisa emprestada a outra à porta da escola — disse Sunny Bang. Depois disse mais alto, falando na direção do carro da Polícia: — Também gostava de passar em tua casa para recolher algumas roupas de outono que tenhas para doar.

— Vou fingir que não tivemos esta conversa — disse Claire.

— Ela está um bocadinho nervosa hoje — disse Sunny Bang depois de Claire entrar na sua carrinha e ir-se embora. — Eu devia era ter arranjado uma desculpa para passar lá e palmar alguns.

— Para que precisas de *Ritalina*? — perguntou Lucy.

— Para que é que não preciso de *Ritalina*? — respondeu Sunny Bang. — Tomo um e posso realizar duas semanas de tarefas merdosas de mãe num só dia. Sou como um remoinho. Totalmente concentrada e totalmente enérgica. E a do Augie é das melhores. É de libertação lenta. Dura 12 horas e não tens vontade de comer durante dois dias.

— Isso é muito parecido com *speed* — disse Lucy.

— É melhor do que *speed* — disse Sunny Bang. — Mal posso esperar por que o Tobias tenha idade para ter uma receita, embora não o vá deixar consumir.

Sunny Bang era uma das únicas três mulheres de origem asiática que viviam a tempo inteiro em Beekman, e era um facto triste das suas vidas que as três estivessem sempre a ser confundidas umas com as outras. Tratavam-nas pelo nome errado na mercearia, na piscina do clube, nas atividades da escola, nas festas de Natal, nos parques de estacionamento e no mercado dos agricultores. Os novos habitantes de Beekman precisavam em média de 16 meses para as distinguirem bem, e alguns dos maridos menos empenhados nunca o conseguiam. Andrew Callahan estava sempre a tentar desculpar-se, dizendo: «Desculpa! Desculpa! Não te zangues comigo, Sunny, eu dantes só saía com asiáticas!».

— Como foi o teu fim de semana? — perguntou Sunny.

— Sinceramente? — perguntou Lucy. — Foi esquisito.

— Como assim?

— Aqueles nossos velhos amigos de Brooklyn foram jantar lá a casa no sábado. Contaram-nos que têm um casamento aberto. Passámos a noite toda a falar nisso.

— Eles estavam a tentar convencer-vos a... — Sunny fez um gesto que indicava sexo — com eles?

— Acho que não — disse Lucy. — Caramba, espero que não. Essa ideia nem me passou pela cabeça.

— Aposto que era isso que queriam — disse Sunny Bang. — Aposto que estavam só a sondar-vos.

— Bem, se era isso, não resultou.

— Se calhar é isso que fazem todos aqueles idiotas em Brooklyn. Têm sexo com os parceiros uns dos outros. Se não for isso, porque é que ainda vivem lá? Como é que alguém vive em Brooklyn quando pode viver aqui?

Este era um refrão comum dos residentes de Beekman. *Como é que eu nunca tinha ouvido falar deste sítio? Como é possível que não queiram todos viver aqui?* Eles não tinham fugido da cidade só por já não terem dinheiro para sustentar a vida lá, embora isso fosse verdade para muitos. Eles não tinham sido obrigados a dar esse passo pavoroso — *mudar para os subúrbios*. Beekman não era subúrbios. Não era Dobbs Ferry, não era Mamaroneck, não era Nova Jérсия, não era Connecticut. Todas as casas se situavam sobre, pelo menos, dois acres de terra, era perto, de carro, da estação Grand Central em Metro-North e, contudo, não havia nenhum pulha de Wall Street à vista — como era possível? Ficava a 25 minutos de distância do Starbucks mais próximo. E ninguém ia ao Starbucks! O Starbucks tornara-se uma coisa do passado, como um telefone analógico ou um leitor de VHS. Beekman atraía o género de pessoas que não queria centros comerciais, nem Starbucks, nem tinha a mentalidade de *keeping-up-with-the-Joneses*, e eles tinham-na encontrado. Tinham encontrado um lugar que acreditavam ser incalculavelmente melhor.



— A outra noite foi esquisita — disse Lucy a Owen.

Estavam na sala, sentados no sofá. Lucy tinha os pés aconchegados debaixo das pernas de Owen.

— Estás a referir-te ao momento em que acordámos e o Wyatt estava aos pés da cama a olhar para nós?

— Bem, sim, isso foi esquisito, mas estava a referir-me à conversa com o Thom e a Victoria.

— Ah. Pois.

— Achas que eles se estavam a atirar a nós?

— O Thom e a Victoria?

— Conteí à Sunny Bang e ela acha que se calhar eles queriam fazer *swing* connosco, ou algo do género.

Owen desatou a rir.

— Não posso... nós os quatro ao monte, do género troca de casais?

— Não sei — disse Lucy. — Só acho estranho que eles nos tenham falado nisso, não achas?

— Se alguma vez fizermos uma coisa desse género, a regra número 1 será nunca contarmos a ninguém.

— E a regra número 2 — disse Lucy — será não nos apaixonarmos.

— Acho que devíamos pôr isto por escrito — brincou Owen.  
— Deixa-me ir buscar uma caneta.

Owen dirigiu-se à cozinha.

— Regra número 1: Ninguém pode saber — gritou-lhe Lucy.

— Ninguém! — gritou Owen. — Concordo contigo.

— Não há Clube de Combate!

— Não há Clube de Combate!

Owen voltou à sala com um caderno e um marcador cor de laranja.

— Regra número 2: Ninguém se apaixonou — disse Lucy.

— Vou escrever isso — disse Owen.

— E sublinha.

— Regra número 3: Sempre com preservativo — disse Owen.

— Devíamos comprar uma caixa grande de preservativos no Sam's Club; que tivesse tantos que fossem impossíveis de contar, para que nenhum de nós ficasse a saber quantas vezes o outro tinha feito sexo.

— Não vamos comprar preservativos no Sam's Club — disse Owen.  
— Nem os sacos de lixo deles prestam.

— Sei que detestas quando compro aqueles sacos, mas por uns trocos trazes um milhão deles.

— Um aparte, e pela milionésima vez, podias parar de comprar aqueles sacos de lixo?

— Está bem — disse Lucy soltando um grande suspiro. — Será doloroso, mas vou parar.

— Regra número 4: Nem preservativos nem sacos de lixo do Sam's Club — disse Owen.

— Regra número 5: Quem quebrar as regras número 1, 2, 3 ou 4 fica com a custódia total do Wyatt.

— Isso é horrível — disse Owen.

— Deu comigo em doida a tarde toda.

Como se aguardasse a sua deixa, Wyatt entrou na sala. Avistou o marcador cor de laranja na mão de Owen e declarou:

— Quero a caneta.

— Nada de canetas, Wyatt — disse Lucy.

— Quero a caneta.

— Que tal um lápis de cera, amigo? — sugeriu Owen. — Ou um lápis de cor?

— Quero a caneta! — gritou Wyatt.

— Oh, dá-lhe lá a caneta — disse Lucy.

— Tens a certeza? — perguntou Owen.

— Não escrevas nas paredes, Wyatt — advertiu Lucy.

— Está bem — respondeu Wyatt.

— Nem nas paredes, nem na mobília — disse Lucy.

— Está bem.

— Prometes?

— Prometo.

Wyatt pegou na caneta e foi para o andar de cima, para escrever nas paredes ou na mobília.

— Não devíamos fazer isto — disse Owen.

— Eu sei — respondeu Lucy. — Mas não consigo aguentar uma discussão de duas horas por causa de um marcador. A nossa casa está uma desgraça, seja como for.

— Vou buscar outra caneta — disse Owen. — Onde é que nós íamos?

— Não me lembro — disse Lucy. — Esta manhã estava a ver-me ao espelho e a pensar no que a Victoria disse. Acho que estou a aproximar-me do fim da minha janela.



— Da tua janela?

— A janela de oportunidades em que pessoas, além do homem com quem sou casada, querem ter sexo comigo, a menos que sejam, sei lá, financeiramente recompensadas.

— És maluca.

— O que nos conduz a isto: nada de prostitutas.

— Evidentemente — disse Owen.

— A sério. Escreve.

— Nada de prostitutas.

— Porque é repugnante e não temos dinheiro para isso.

— Tenho uma regra — disse Owen. — Não podemos fazer *sexting* dentro de casa.

— Eu não quero fazer *sexting*, ponto final — disse Lucy. — Vou ter de fazer isso?

— Não sei como é que as coisas funcionam hoje em dia — disse Owen. — Mas se quiseres fazer isso, tens de ir lá para fora. É a minha regra.

— Sabes o que seria fantástico? — disse Lucy. — Impormos um limite temporal.

— Como assim?

— Devia começar e depois acabar. Combinamos uma data para o final e, quando acabar, acabou. *Bum*.

— Isso é genial — disse Owen. — Seria como um *rumspringa*<sup>1</sup>.

— E teríamos de prometer acabar mesmo. Mais nenhum contacto, de espécie alguma. Com nenhum dos nossos, hum, dos nossos...

— Parceiros sexuais?

— PS, para abreviar. — Quanto tempo propões?

— Tempo suficiente para conseguirmos que aconteça alguma coisa, mas não tanto que se torne o novo normal.

— Seis meses?

— Seis meses. E não podemos ter sexo com ninguém que conheçamos — disse Lucy.

— O que queres dizer com isso? — perguntou Owen. — Temos de arranjar completos estranhos?

<sup>1</sup> Na cultura Amish, corresponde ao período da adolescência em que os rapazes e raparigas têm liberdade para festejarem e se relacionarem antes de escolherem pertencer à igreja ou saírem da comunidade. [N. da E.]

— Não, quero dizer que podes procurar namoradas antigas, ou pessoas da cidade, mas não podemos ter sexo com ninguém de Beekman. Ninguém do nosso grupo. Não quero estar num jantar a perguntar-me se andas a dormir com alguma das mulheres à mesa.

— Está bem, é justo — disse Owen.

— E falar acerca disso? Quero dizer, um com o outro.

— Irias querer falar?

Lucy pensou por um momento.

— Não. Preferia não saber de nada.

Owen escreveu *Não falar acerca do assunto*.

— Prefiro ficar completamente às escuras — disse Lucy.

— Então, também não devemos fazer perguntas.

— Não nos mostrarmos demasiado felizes — disse Lucy. — Nada de nos pavonearmos pela casa com um grande sorriso na cara. Nada de assobiaries quando te vestes de manhã.

— Não coscuvilhar — disse Owen. — Aceitamos que cada um tem um espaço de privacidade. Os nossos computadores, telemóveis, extratos de cartões de crédito. Se não cuscarmos, não haverá coisas escondidas nem mentiras.

— Não nos podemos ir embora — disse Lucy.

— Não nos podemos ir embora — concordou Owen. — E não nos podemos apaixonar.

— Já tinhas escrito essa.

— Vou escrever outra vez — disse Owen. — Estamos a brincar, não estamos?

— Sim — disse Lucy. Riu. — Sim, estamos a brincar. Não somos doidos.

— Era o que eu pensava.

Wyatt escolheu esse momento para entrar na sala. Tinha tinta cor de laranja na cara toda.

— Sou um achigã — anunciou, e avançou decididamente para o quarto dos brinquedos.



A Baixa de Beekman correspondia bastante às ilustrações de Norman Rockwell, com os passeios muito próximos dos alpendres frontais e casas separadas por caminhos de entrada ou relvados de dez metros. A Main Street era, ao mesmo tempo, pitoresca e um pouco patética. Beekman nunca se tornara um destino turístico do vale do Hudson. Faltava-lhe o toque de pretensão artística de Beacon, o gostinho *hippie* de Woodstock, a vibração radical da escalada em rochas de New Paltz, o estilo campestre e luxuoso de Rhinebeck. Mas não deixava de ter os seus encantos.

Owen entrou numa lojinha peculiar na Main Street, para procurar algo para enviar à mãe no aniversário. A mãe de Owen nunca gostava de receber uma prenda comprada na *Amazon* com apenas um clicar de botão. Queria algo comprado, embrulhado e enviado pelo correio com o maior incómodo humanamente possível.

A loja era pequena, com uma atmosfera industrial/artesanal, barras de sabonete castanhas empilhadas numa velha estante de metal, uma vela vegetal de figo acesa, várias bugigangas envoltas em musselina.

— É mel com sabor a trufas — disse uma voz. — Prove.

Owen viu uma loura atraente que acabava de chegar do fundo da loja. Usava uma blusa com folhos que deixava os ombros à mostra e calças de ganga.

— É agradável — disse Owen. Era apenas mel com um sabor estranho.

— É *soberbo*. As trufas vêm de Itália e o mel não podia ser mais local. Se vive em Beekman, já *viu* as abelhas que produzem este mel. Esgota-se no momento em que entra na loja. Cheire-o.

A mulher abanou o frasquinho de mel debaixo do nariz dele. Cheirava a mel filtrado através de uma meia antitranspiração muito limpa.

— O que é que faz com isto? — perguntou Owen.

Ela fitou-o.

— O que é que *eu* faço com isto? — Deu uma gargalhada sentida. — Isto é uma loja de respeito, meu caro.

*Será que se está a atirar a mim?*, pensou Owen. *Acho que está. Quem será ela?*

— Acaba para sempre com as suas alergias — disse ela. — E as trufas são afrodisíacas.

— Sexo sem fungadelas — disse Owen.

Ela riu como se tivesse muita graça.

— Este sítio é fantástico — disse ele.

— Obrigada. É o meu bebé.

— A loja é sua?

— É. Sou a proprietária. — Fez uma pequena vénia e ele tentou não lhe olhar para as mamas. — Ainda bem que gosta.

— Já moro em Beekman há cinco anos, mas nunca tinha cá vindo.

— Não é um bom comprador local! — Deu-lhe uma palmadinha brincalhona no braço. — É o que fazemos aqui. Compramos localmente!

— Tem razão, não sou um bom... comprador local. Tornar-me-ei melhor.

— Promete? Porque não sou só eu. Não teremos uma Main Street próspera se os ricos dos fins de semana não comprarem coisas de vez em quando.

— Não sou rico. E também já não sou de fim de semana — disse Owen. — Vivo aqui a tempo inteiro.

— É assim que nós vos apanhamos — disse ela. — Vocês compram casas de fim de semana e ao fim de dois anos estão cá a viver. Ou perderam o emprego, ou tiveram um bebé. Já vi isso acontecer um milhão de vezes. A propósito, sou a Izzy.

— Owen.

— Izzy e Owen — disse ela. Tinha uma expressão distante. — Seria um ótimo título para um livro infantil.

— Oh, a sério?

— Seria sobre a amizade improvável entre um rato e... hum... um crocodilo.

— Um pinguim e um hipopótamo — sugeriu ele.

— Um rato e um hipopótamo! — disse ela.

— Sim, parece-me muito bem — concordou ele.

— Devíamos escrevê-lo juntos!

— Pois! É uma ótima ideia — disse Owen, pensando *Não, não é uma ótima ideia.*

— É uma ótima ideia. É assim que as coisas acontecem. O Universo gosta de fazer com que as coisas aconteçam.

Ela tinha aquela maneira convulsiva de sorrir e de mexer os ombros — convulsiva, mas no bom sentido, como um gatinho ou uma *stripper*.

Os ombros nus e o pescoço longo estavam sempre em movimento, mexendo-se enquanto falava com ele, e Owen levou algum tempo a perceber que ela dançava ao ritmo da música que se ouvia baixinho na loja. Exibia também uma ameaça de sorriso que se revelava um sorriso inteiro quando olhávamos para os seus olhos. Os olhos eram de um azul brilhante.

— Bem — disse ele. — Eu... hum... vou levar o mel.

— Fabuloso! São 38 dólares. Se pagar em dinheiro, poupa o IVA — disse ela. E piscou-lhe o olho.



— Não cuspas, Wyatt. Já sabes isso.

Wyatt estava zangado com Lucy, mas ela não fazia ideia porquê. Por vezes, era óbvio porque é que ele estava zangado: não o deixavam servir-se duas vezes de gelado. Tiravam-lhe o *iPad*. Mas também havia dias como este, dias em que tudo estava bem e não acontecera nada de invulgar quando, do nada, Wyatt se revoltava contra a mãe.

Wyatt cuspiu-lhe.

— E vai uma — disse Lucy.

Ele cuspiu outra vez.

— Para de cuspir, Wyatt. Se fizeres a terceira, vais para o canto da pausa.

Ele cuspiu na direção dela, desta feita ineficazmente, e o cuspo escorreu-lhe do queixo para a camisa.

— Hum... foram duas vezes. Vamos arranjar alguma coisa para fazer. — *Redirecionar*, como os terapeutas adoravam dizer, embora se parecesse mais com dar-lhe uma recompensa por se portar mal, especialmente quando já ia na segunda asneira. — Queres fazer um jogo com a mamã? Vamos ver o que há no quarto dos brinquedos.

Wyatt semicerrou os olhos, e um olhar que a Lucy pareceu de puro ódio atravessou-lhe o rosto — um olhar tão primitivo e cru que deixava sempre Lucy sem pinga de sangue.

Ele avançou para ela, olhou-a nos olhos e cuspiu de novo, desta vez na cara dela.

— Basta, Wyatt! Terceira. Lá para cima! Pausa!

Wyatt disparou como uma bala.

— Não fuja de mim, Wyatt!

Wyatt correu para o quarto dos brinquedos. A disposição do piso térreo da casa permitia andar em círculo, um grande círculo, da cozinha para o quarto dos brinquedos, para o vestíbulo, através da sala de estar e de volta à cozinha. Apanhar Wyatt quando ele se punha a percorrer este caminho era quase impossível. Era preciso ser mais esperto do que ele. Era preciso que Lucy se escondesse num canto e saltasse para o agarrar quando ele passava, algo que ele achava incrivelmente empolgante.

Foi o que Lucy fez. Escondeu-se atrás de um velho cadeirão e agarrou o braço de Wyatt quando ele passou por ela.

— Anda!

Wyatt amoleceu o corpo todo. Lucy recebeu deslocar-lhe o braço, como aquelas horríveis amas de que se ouvia sempre falar na cidade.

— Pés no chão, Wyatt. Caminha!

Lucy segurou-o como um dos terapeutas a ensinara, com uma mão enterrada na axila dele e a outra no braço, e ele levantou-se lentamente. Contudo, tinha o outro braço completamente livre e usou-o para a arrancar enquanto subiam as escadas.

— Odeio-te.

— Isso magoa-me, Wyatt.

— Vou matar-te, mãe. Odeio-te! Vou matar-te!

As «pausas» de Wyatt eram passadas numa cadeira, como qualquer outro período de pausa normal. Mas Wyatt não ficava na cadeira. O que quer que Lucy e Owen dissessem ou fizessem, ele não ficava na cadeira. Então, a única solução que Lucy arranjava fora sentá-lo na cadeira, segurar-lhe os pulsos e ficar atrás dele, transformando-se, basicamente, num colete de forças humano. E ele debatia-se, mordida, gritava, soluçava, cuspia, beliscava e berrava, entrando numa histeria cada vez mais profunda. Lucy tinha os braços cheios de nódoas negras e as mãos arranhadas desde que ele começara a andar.

Como é que se disciplina uma criança assim? Parecia impossível. Era impossível.

— Só quero que morras, mãe! — gritou Wyatt através da porta fechada quando ela o meteu no quarto.

— Eu ficarei triste quando morrer — disse Lucy calmamente.  
— Morrer é uma coisa muito triste.

— Só quero que morras, mãe.

— Isso magoa-me, Wyatt.

— Só quero que morras. E quando for o teu *funeral*, vou fazer uma grande festa, e vou fazer um *bolo*, e no bolo vai estar escrito: «Ding-dong, a bruxa morreu». E *espero* que isso te *magoe!*

*Na verdade, é muito criativo, pensou Lucy. É um uso da linguagem interessante e original.*

— Estás em pausa, Wyatt. E o tempo só começa a contar quando te acalmares.

— Eu estou *calmo*. Odeio-te, mãe! Estou ansioso por que morras. Que fiques morta e bem morta!

Lucy curvou-se no chão do corredor, com a mão esquerda na maçaneta da porta para impedir Wyatt de sair.

*Comportamento é comunicação.* Fora uma das primeiras coisas que os terapeutas lhe tinham dito acerca de Wyatt. Ao longo dos anos, Owen e Lucy tinham repetido essa frase um ao outro centenas de vezes — quando Wyatt arqueava as costas e cuspiam, quando despejava água no teclado do computador dela, quando partira a reprodução do candeeiro *Tiffany* naquela loja da *Applebee's*. *Significa que ele está a ter problemas com a sua transição. Significa que está demasiado estimulado pelo barulho no restaurante. Significa que está frustrado porque não consegue apanhar a bola. Significa que se sente fora de controlo quando está perto de outras crianças. Significa que o seu cérebro não funciona como os das outras pessoas. Significa que está cansado. Significa que tem fome. Significa que está assustado, ou confuso, ou excitado, ou preocupado, ou ansioso, ou zangado, ou triste.*

Os braços de Lucy estavam arranhados e a sangrar. Wyatt rodava a maçaneta da porta com toda a sua força. Ela fechou os olhos e aguentou.

Dos 2 até quase aos 4 anos, Wyatt não dormia. Não era uma questão de não dormir toda a noite, mas de, simplesmente, não dormir. Dormitava um pouco, sempre inquieto, no autocarro que o levava e trazia da creche especial, adormecendo por vezes no sofá quando chegava a casa

ou na cadeirinha do carro a caminho das terapias, mas, de noite, não dormia. Não conseguia dormir. Era como se o sono fosse uma coisa fora do seu alcance, e não tivesse qualquer conexão com o cansaço.

Lucy e Owen faziam turnos para ficar acordados com ele, por vezes alternando as noites, por vezes dividindo-as ao meio. Sentiam ter envelhecido 15 anos em menos de três. Estiveram ambos à beira de enlouquecer.

Quando pensavam que as coisas estavam a melhorar, quando Wyatt finalmente encontrou uma espécie de ritmo, certa noite acordou e, pela primeira vez na sua vida, não chorou nem bateu com a cabeça nem gritou como louco. Em vez disso, descobriu como sair do berço. Desceu as escadas, destrancou a porta da frente e percorreu o longo caminho de pedra até à caixa do correio. Nessa altura andava obcecado com a caixa do correio, tinha qualquer coisa que ver com o programa infantil *As Pistas da Blue*, e ele gostava de levantar a bandeira vermelha e depois baixar e depois levantar e depois baixar, sacudindo os braços sempre que a levantava, como um pinguim a tentar voar.

Por volta das duas da manhã, um homem de meia-idade que vinha do bar passou de carro e viu isto: uma criança descalça, com um pijama do Homem-Aranha, de pé em cima de uma grande pedra plana ao lado de uma caixa de correio preta. O homem estava bêbedo e tinha consumido bastante cocaína. Teve medo de chamar a Polícia. Teve medo de ser visto, embriagado e drogado, com um menino com um pijama do Homem-Aranha numa estrada escura a meio da noite. Continuou a conduzir. Quando finalmente chamou a Polícia, não se lembrava do nome da rua nem do número da porta, só que a caixa do correio era preta e a casa ficava recuada da estrada.

O que é que se pode fazer? Anos sem dormir. Anos a acordar num pânico cego a cada estalido da casa. Quatro anos a chorar todos os dias. E ver como tu e o teu marido se vão lentamente abaixo diante dos próprios olhos. E isto depois do período regular sem dormir de todos os pais recentes, das habituais noites com amamentação e mudanças de fralda e febres e tosses e crupe. Talvez estivessem melhores agora, mas, mesmo assim, por vezes Lucy preocupava-se.



Um bombeiro voluntário passara de carro e vira Wyatt, trémulo, ainda a brincar com a caixa do correio. Levara-o para casa. Foi à tangente. Instalaram trancas altas no interior das portas no dia seguinte e Wyatt voltou a não dormir.

— Mudei de ideias — disse Lucy.

Estava escuro, e Owen e Lucy estavam na cama. Lucy estava bem acordada, fitando o teto.

— Acerca de quê?

— Da lista. Aquela história do casamento aberto. Acho que quero fazê-lo.

— Desculpa? Estás a falar a sério?

— Sim.

— Isso é uma loucura, Lucy.

— Não me parece que seja.

— Tu disseste que era, lembras-te? — disse Owen. — Foste tu que usaste a palavra.

— Bem, acho que mudei de ideias.

— *Achas* que mudaste de ideias ou mudaste mesmo?

— Mudei. Quero fazê-lo.

— Não, Lucy — disse Owen.

— Isso é um não verdadeiro?

— Sim — disse Owen.

— A tua voz subiu no fim desse sim — notou Lucy. — Isso quer dizer que não tens a certeza de que seja um não verdadeiro.

— Bem, é um não verdadeiro até o discutirmos — disse Owen. — E refiro-me a discuti-lo a sério. Talvez com um profissional. Um conselheiro matrimonial, ou coisa do género.

— Não. — Lucy sentou-se na cama. Puxou os joelhos para o peito e rodeou as pernas com os braços. — É mesmo isso. Não quero discutir o assunto. Não quero passar dois anos a discutir se é uma boa ideia ou não. Na verdade, acho que isso causaria imensa instabilidade.

— E não achas que nós termos sexo com estranhos durante seis meses iria causar instabilidade?

— Talvez — disse Lucy. — Mas, honestamente, Owen? Não acho que causasse. E penso que tu também não.

— Não sei o que acho.

— Nós fizemos a lista de regras. Essa foi a discussão. É sim ou não. Como se estivéssemos num submarino nuclear, e só acontece se ambos rodarmos as chaves.

— E tu estás a rodar a tua chave.

— Mas só se tu o fizeres. Isto não sou eu a anunciar que vou andar por aí a trair-te. O que estou a dizer é: vamos ambos fazê-lo, e vamos jurar calar as nossas bocas em relação a isso para o resto das nossas vidas. Vamos decidir agora, e nem mais uma palavra sobre o assunto, nunca mais — disse Lucy.

— Quanto vinho bebeste esta noite?

— Um copo. Talvez dois, mas foi há horas. Não estou bêbeda, nem por sombras.

Owen sentou-se, encostou-se à cabeceira da cama e olhou para a mulher.

— Estou só a tentar processar isto.

— Cumprimos as regras — disse Lucy. — Especialmente a data final. Seis meses, a partir de amanhã.

— Preciso de saber se estás a falar cem por cento a sério, Lucy.

— Estou.

Owen nunca soube por que aceitou, além das razões estúpidas, além das razões «a minha mulher vai deixar-me dormir com outras mulheres» —, mas a verdade é que aceitou. Ela inclinou-se para ele e beijou-o, um beijo cheio de significado e amor e um pouco de perigo, mas ainda era o beijo da pessoa que ele já beijava há anos e anos e anos. *Se calhar, foi por isso que disse que sim*, pensou ele mais tarde. *Se calhar, é tão simples como isso.*

— Eu sei que é estranho, mas acho que devíamos selar o acordo — disse ele.

— Está feito — disse Lucy enquanto apertavam as mãos olhando nos olhos um do outro. — O acordo está feito. Agora, nem mais uma palavra acerca disto.

# O QUE ACONTECE DEPOIS DO «FELIZES PARA SEMPRE»?

Olho para mim, uma nova-iorquina moderna e bem sucedida convertida ao papel de dona de casa suburbana! Acordo entre o caos. Não há tempo para me arranjar, porque o meu filho — o pequeno ditador da casa — quer atenção.

Divido o dia entre tarefas domésticas e pequenas batalhas às quais a mãe de um filho autista tem de se habituar. O meu marido chega. Também cansado. Não saímos, já não fazemos nada de excitante. Fomos engolidos pela rotina.

Um dia, num serão com amigos, falamos das vantagens de um casamento aberto e da forma como pode apimentar a nossa vida. E de repente dou por mim a pensar: **porque não?**

**Convictos de que uma pausa no seu casamento lhes poupará angústias futuras, Lucy e o seu marido Owen embarcam num Acordo para se traírem: seis meses, uma dezena de regras e zero perguntas. Que comece a experiência!**

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-81-4



9 789898 869814

Literatura Traduzida